

## **David Rodrigues-Professor (entrevista)**

---

### **Que competências e que saberes básicos é que os jovens devem ter quando abandonam o sistema de ensino obrigatório?**

Em primeiro lugar, é preciso termos uma perspectiva do que é o ensino obrigatório: é um ensino que todos os alunos devem completar. Aqui começa a haver um problema: muitas vezes, por questões do insucesso e de abandono escolar, nós continuamos a ter em Portugal um número enorme de alunos que não terminam o ensino básico. Um pedagogo americano, John Dewey, que dizia que o ensino básico é o património mundial da humanidade. Isto é, ninguém pode participar plenamente na sociedade sem ter os conhecimentos e as competências que são inerentes ao ensino básico. Esta questão da universalidade é essencial e nós não podemos ficar indiferentes ao vermos que há pessoas que não completam o ensino básico. Não é possível termos uma sociedade moderna, participada e em progresso sem que este conteúdo do ensino básico chegue a todos. Respondendo mais directamente, penso que talvez haja quatro tipos de competências que seriam importantes ter adquirido no final do ensino obrigatório:

Em primeiro lugar, é importante que o aluno possa compreender a complexidade do mundo em que está. Isto remete para conteúdos que o levem a entender a natureza, o meio social onde ele está, ter instrumentos para poder resolver alguns dos assuntos fundamentais para o seu dia-a-dia.

Em segundo lugar, penso que há uma componente importante ao nível ético, no sentido de desenvolver respeito pelas minorias, pelos outros, ter uma perspectiva inclusiva e participativa da sociedade, aprender que não há democracia sem conflito e que este conflito é parte da solução.

Em terceiro lugar, a questão do domínio das formas de comunicação. É muito importante que um jovem que termina o ensino básico tenha competências de comunicação, que se relacionam com a Arte, que têm a ver com a escrita, que têm a ver com uma alfabetização nas Tecnologias da Informação e Comunicação. Uma pessoa que não possua estes instrumentos ao nível pessoal e ao nível interpessoal, é muito provável que fique muito diminuída na sua capacidade de recolher informação e de participar numa sociedade democrática.

Por último, e em quarto lugar, temos a aprendizagem de formas de participação na sociedade. Para este objectivo, é importante que o aluno seja educado num ambiente democrático, em que ele conhece quais são os seus direitos e quais são os seus deveres, quais são os seus tempos de entrada na sociedade, quais são as suas responsabilidades e possibilidade de influenciar decisões. **Quais são os factores que mais condicionam a aprendizagem dos alunos?**

Nós, os pedagogos, não gostamos muito de dizer isto, mas é inevitável referir a importância do ambiente sócio-cultural. Obviamente que não devemos ver este ambiente sócio-cultural de uma maneira fatalista, que é imutável e que traça inexoravelmente o destino do estudante, mas sem dúvida que é muito importante e talvez esteja "à cabeça" dos factores que influenciam a aprendizagem. Crianças que vivem em ambientes muito

pobres, violentos ou pouco estimulantes, são crianças que dificilmente poderão ter acesso às competências do ensino básico e do secundário. E a escola tem uma influência muito diminuta ou mesmo inexistente na modificação deste ambiente sócio-cultural e económico. Mas há na escola muitos factores sobre os quais nós podemos ter controlo, por exemplo, o facto de nós considerarmos o ponto de partida do aluno. Isto é, em lugar de nós pensarmos no "aluno standard", pensarmos que cada criança tem um ponto de partida diferente, uma cultura diferente, que ao respeitarmos esse ponto de partida e essa cultura podemos levar a criança mais longe ao nível da aprendizagem.

Outro factor é a utilização das estratégias de trabalho de grupo. Por razões até históricas, a nossa escola não se desenvolveu numa perspectiva de considerar os alunos em grupos, mas sim o aluno individual. Por exemplo, as questões de comportamento do aluno são sistematicamente analisadas como se este factor fosse um atributo pessoal do aluno e não uma resposta interactiva à teia de relações em que ele vive. Eu penso que era importante que se desenvolvessem competências junto dos professores e junto das escolas que possam contribuir para dinamizar formas de trabalho com os alunos, através da constituição de grupos de nível, de grupos de projecto, trabalho em pares, etc., que pudessem estimular mais para a aprendizagem. Temos de encarar a escola como uma organização de aprendizagem. Se nós medíssemos o tempo que se passa na escola a tratar de outras coisas que não são a aprendizagem, talvez nós fôssemos levados a concluir que a maior do tempo (e da energia e dos recursos) da escola vai para actividades que pouco têm a ver com a escola e com a aprendizagem. Todo o conjunto de pessoas licenciadas, com mestrado, com pós-graduações e especializações, todo este potencial que existe na escola, deveria ser aproveitado e rentabilizado para a aprendizagem. Isto parece uma verdade de Monsieur de La Palisse, mas se todos nós conseguíssemos pôr a nossa inteligência, os nossos recursos e a nossa criatividade ao serviço da aprendizagem dos alunos, certamente que teríamos muito melhores resultados.

### **A actual formação de professores já está preparada para ver a escola dessa forma?**

Sinceramente, penso que não. Fizeram-se grandes mudanças em termos de formação de professores e muita coisa evoluiu, mas eu penso que persistem grandes problemas. Por exemplo, a maior parte da formação não está direccionada para as competências que os professores vão ter que desenvolver mais tarde. É como se houvesse dois mundos que estariam relativamente isolados: o mundo académico - o mundo das avaliações e dos trabalhos; e o mundo da profissão de professor, - o mundo do acordar das teorias e dos sonhos. E vejo isso muito fortemente na formação de professores de Educação Especial. Estes professores fazem o curso estudando muitos conteúdos que não têm uma relação directa com a intervenção e que fazem o seu estágio numa instituição de educação especial em que os alunos se encontram estão segregados. No entanto, se soubermos que em Portugal cerca de 92 por cento dos alunos com dificuldades são educados na escola regular, vemos que é muito mais provável que um professor de Educação Especial vá encontrar os seus alunos na escola regular do que numa escola especial. No entanto, os estágios em escolas regulares são muito reduzidos. Há realmente um grande problema de consumir o isomorfismo na formação isto é de proporcionar

uma formação que seja adequada a todas as competências que vão ser exigidas no campo profissional.

### **Que papel é que os professores podem ter num processo de mudança da escola?**

Os professores são absolutamente essenciais e a mudança de atitude na actividade da docência é essencial para melhoria da educação. Há vários aspectos que eu penso que os professores enquanto profissionais podem melhorar.

Em primeiro lugar, melhorar o conhecimento que têm do aluno em situações formais e informais. O aluno do ensino obrigatório é normalmente uma pessoa mal conhecida, até pelo facto de o nosso modelo de ensino (sobretudo no 2º e no 3º ciclos) ser de tal maneira compartimentado que quando os professores começam a entender o aluno, toca a campanha e está na altura de ir para outra turma. Devia-se fomentar mais o conhecimento do aluno. Neste aspecto, o aumento do tempo das aulas para 90 minutos é positivo. É preciso também que o professor saiba e possa usar estratégias mais diversificadas. Os professores não podem ensinar para o século XXI como se ensinava no século XVI. A Internet, por exemplo, permite um acesso à informação que não pode ser subestimado como estratégia de juntar dados que permitam uma intervenção educativa.

Outra questão muito importante é a flexibilização do currículo. Não há dúvida que se nós tivermos uma concepção de currículo estático e fixo, essa é a melhor maneira de promovermos o abandono e o desinteresse dos alunos. A flexibilização do currículo permite chegar aos diferentes alunos, à sua "área sensível de aprendizagem".

Outro aspecto importante é a ligação dos pais à escola; a escola e os pais estão "condenados" a entenderem-se. É muito importante que a escola possa encontrar um tempo de entrada, de abertura, de confiança e de tranquilidade para ouvir os pais e para ouvir a comunidade. Hoje em dia há imensos recursos na comunidade que fazem falta na escola e, certamente, há funções na comunidade que podem ser desempenhadas por alunos das escolas. A ausência desta cooperação leva-nos a um grande empobrecimento das nossas comunidades, onde cada um trata de si e quase ninguém trata dos outros.

**Essa lacuna poderia ser resolvida com um novo modelo de gestão?** Tenho alguma dificuldade em ter uma posição definitiva. Conheço boas experiências de gestão profissionalizada. Viajo muito por países comunitários e extra-comunitários e analisei experiências em escolas com práticas muito positivas e democráticas mas que eram encabeçadas pelas pessoas que estavam na direcção da escola. Encarnavam o projecto da escola, levavam o facho da escola, e os outros colaboravam no desenvolvimnto deste projecto. São lideranças que se tornam personalizadas e por isso entendo que este modelo é também um pouco perigoso se assumido como modelo universal até porque este poder pode vir a parar em mãos de pessoas com concepções retrógradas. Na gestão das escolas é importante alcançar um equilíbrio. A gestão das escolas não deve estar entregue a pessoas que sejam unicamente responsáveis perante os

colegas. O extremo desta situação passa-se quando professores se queixam que a gestão da escola é um contratempo para a sua vida profissional, que não queriam aquilo, até mesmo que foram "obrigados". Ninguém pode ser um bom gestor de uma escola se disser isto! Um director da escola tem que ter um projecto. Era importante encontrar um equilíbrio entre uma pessoa que tivesse um projecto, que fosse formada para esse projecto, que soubesse o que está a fazer, mas que também tivesse um relacionamento e a confiança dos seus colegas. Defenderia, talvez, um modelo em que a escola pudesse fazer a escolha de dois ou três professores e que depois fosse sancionada pelo Ministério da Educação, ou seja, que o Ministério da Educação fizesse um sanção, ou vice-versa, o Ministério da Educação indicar três nomes de pessoas, que seriam entrevistadas, mostrassem o que valem (ao nível do discurso e ao nível de projectos) e fossem sancionadas pelo conjunto da escola. **Como se poderá valorizar a educação, o conhecimento científico e da cultura?** Eu penso que não se pode dissociar a escola da cultura. Eu escrevi há pouco tempo um artigo em que citava o Professor Edward Lorenz, que esteve cá há pouco tempo, que dizia que um dos problemas da nossa educação é que o nosso sistema produtivo é antiquado. Por isso, a educação talvez não se sinta estimulada para formar pessoas que vão entrar num sistema antiquado e, portanto, fica antiquada na mesma. É uma estrada com duas vias. Não vale apenas assacar só as culpas à escola, pelo que se está a passar, dizendo que a escola é que não forma, a escola é que não é moderna, etc. Toda a sociedade tem responsabilidade na forma como a escola educa. Porque o que nós vemos é que as nossas empresas estão por vezes a trabalhar em regimes completamente antiquados, com hierarquias absolutamente absurdas, com formas de produção ultrapassadas, etc. Se isto funciona assim nas empresas, onde é que a escola se inspira para ser moderna? Tem que haver uma ligação clara entre uma coisa e a outra. Da mesma forma que tem que haver uma ligação da escola ao aparelho produtivo, tem que haver uma ligação da escola à cultura. Outra questão que é muito importante é nós continuarmos a aprofundar a autonomia da escola e aprofundar mais vida nas escolas. Há pouca vida para além do que é o "obrigatório" nas escolas; a nossa escola deveria ser mais expressiva, ter mais actividades e ser mais aberta à comunidade, para a escola não ser uma "ilha". Quando a escola diz que quer ficar sozinha, que quer tratar dos seus problemas, a escola não entende na armadilha em que está a cair. Quanto mais a escola pública se fechar, se blindar, mais fácil vai ser de diminuir-la e desvalorizar-la. Quanto mais ela tiver ramificações na cultura e na comunidade, quanto mais vida e participação ela tiver na comunidade, quanto mais ela for autónoma, mais facilmente ela se vai entrosar e encontrar novos significados.

### **Quais são as linhas estratégicas que deverão ser seguidas na mudança da escola portuguesa?**

Uma questão que é importante e que deveríamos sempre manter é um modelo de formação permanente dos professores. Muitos professores fizeram a sua formação inicial e acabaram por concluir que a formação é como uma vacina. "Eu já fui vacinado contra o tétano e já não preciso de mais vacinas". A formação inicial é muitas vezes encarada como uma vacina que se toma e dura a vida inteira. Era muito importante desenvolver esta perspectiva de formação permanente. Uma escola que tem alunos com problemas de comportamento, que tem alunos com dificuldades, que tem

alunos com deficiências, que tem alunos que vêm de meios muito pobres, esta escola tem que ser apoiada a um nível permanente. E não precisa que vão lá uns "iluminados" ensinar durante um dia a dizer como se poderiam resolver teóricamente as dificuldades com que a escola de debate. A escola precisa é de um apoio sistemático, continuado. E isto quer dizer que deveriam ser incentivadas (financiadas) parcerias entre as escolas e as instituições de formação. Esta parceria não é para se "fazerem acções de formação" mas para dispor do apoio de uma Escola Superior de Educação, de uma Universidade ou de um Centro de Formação. Este apoio pressupunha que houvesse um acompanhamento das estratégias que se vão testando para resolver problemas complexos como os que surgem na escola. Na verdade, sabemos que problemas complexos têm soluções complexas e sem este trabalho conjunto e de processo é muito difícil (ler impossível) enfrentar estas questões.

É muito importante, também, que sejam aumentados os meios da escola. As pessoas da minha geração têm a tendência de dizer que a escola está muito melhor agora, que há muito mais meios... Sem dúvida que há! Mas nós não nos podemos esquecer de onde é que viemos. Viemos de uma escola paupérrima. De uma das escolas mais atrasadas da Europa e não só por causa do Estado Novo. O nosso atraso da educação é um atraso estrutural que vem de antes do Estado Novo, embora o Estado Novo tenha contribuído para o manter atrasado. Mas já no século XIX a nossa educação era atrasada em relação a muitos países da Europa. As pessoas da minha geração têm a tendência a dizer que agora está tudo muito melhor; está muito melhor mas estamos ainda muito longe daquilo que nós precisávamos de ter... Lembro-me sempre de uma figura que havia nos livros da escola: eram precisas duas pessoas para empurrar um carro que estava parado, mas depois de o carro começar a andar só era precisa uma pessoa para o manter em movimento. Nós estamos na fase de precisar de duas pessoas para pôr o carro a andar. As pessoas dizem que Portugal está a dedicar à educação uma fatia do orçamento semelhante ou superior a outros países europeus. É verdade! Mas isto satisfaz-nos? De onde é que nós partimos? Nós estamos na fase de precisar de duas pessoas para empurrar o carro. Talvez quando ele estiver em movimento (cumprindo as normas dos países com quem formamos uma União) possamos passar a gastar menos em educação (?). Mas agora não estamos na altura de desinvestir na educação.

### **Como é que gostaria que fosse a escola portuguesa num horizonte de dez anos?**

Era preciso uma escola que eliminasse os grandes problemas com que se debate agora: o abandono escolar, o insucesso escolar, a exclusão da escola. Nós não podemos ter qualquer aspiração a ser um país integrante da União Europeia, a ser um país tratado em plano de igualdade e não com comiseração mantendo os actuais níveis de abandono, de insucesso e de iliteracia. Temos que investir aqui tudo o que nós soubemos e tudo o que nós podemos. É muito importante eliminar a exclusão da escola; a escola é a primeira experiência de inclusão. É muito importante mater os alunos numa escola que seja diversificada, que seja multicultural, multi-étnica, multi-língua, que seja uma escola que permita a todos aprender com todos. É muito importante mantermos uma escola com estes valores inclusivos. No fundo, é a defesa da escola pública. Quando defendemos uma escola pública estamos a defender uma escola pública, que seja a escola da comunidade, que proporcione espaços criativos de aprendizagem. Que seja uma escola que consiga apaixonar os

alunos pelo conhecimento. Ninguém consegue aprender se não estiver apaixonado, motivado para o que vai aprender. É importante que a escola consiga encontrar estratégias muito diferentes para motivar pessoas muito diferentes. Quando eu andava na escola, a motivação de ter um emprego para mim e para os meus colegas era suficiente para continuar a estudar. Hoje as motivações são outras e é preciso pensarmos como é que vamos motivar os jovens para estarem na escola e para se apaixonarem pelo conhecimento.

A escola, daqui a dez anos, deveria ter recursos humanos de reserva. Nenhuma estrutura funciona bem se funcionar no máximo do que consegue. Um motor que funcione sempre no máximo das rotações que é capaz, demora pouco tempo a ficar estragado. Era importante que a escola tivesse um suplemento para dar, que não estivesse sempre a funcionar no máximo. No fundo, seria uma escola que pudesse promover uma cidadania e uma tranquilidade e um amor ao conhecimento. E por fim, temos que nos lembrar que um ambiente hostil, desorganizado, agressivo é o caminho mais óbvio para tornar um aluno incapaz de aprender. A organização da escola pode tornar um aluno capaz num caso de insucesso massivo, mas pode também fazer o contrário. Eu gostaria que daqui a dez anos, o ambiente e o clima da escola não decepcionassem a criança, que preenchessem os seus sonhos e que fossem o seu permanente companheiro na aventura de aprender.